

Para além do pulmão do mundo: território de história

Um provérbio indígena sinaliza que ao cair a última árvore, a morte do último peixe e a poluição do último rio, o homem perceberá que não comerá dinheiro. Tal máxima, adverte para as relações que nós estabelecemos com o meio ambiente, pois mesmo representando um terço das florestas tropicas, a Amazônia, está sendo destruída. Parafraseando Chico Buarque, questionamos “o que será, que será” da floresta quando não restar mais nada para desmatar?

Segundo o código florestal, a proteção e o uso sustentável das florestas é de responsabilidade governamental, porém os planos de governo e as propostas ambientalistas, muitas vezes são conflitantes. Ademais, dentro desses jogos de interesse os habitantes naturais (índios, ribeirinhos e outros) são deixados de lado a cada desmatamento, espaço expropriado por fábricas, ou pelas disputas judiciais que apagam os índios da história e a constante extração de riquezas, ora com aval governamental, ora ilegal. Assim, uma problemática se sobrepõe: a falta de fiscalização que acomete um ciclo sem fim de violência para com as pessoas e destruição da fauna e flora da floresta.

Os impactos dessas ações também são incontáveis, indo da perda da biodiversidade até modificações climáticas mundiais e, para além, também interfere de forma sócio histórica e cultural em toda vida existente da Amazônia. Desta forma, enfatizamos a importância da conscientização sócio governamental e melhoria das políticas públicas ambientais que cuide do nosso território de história, a Amazônia.